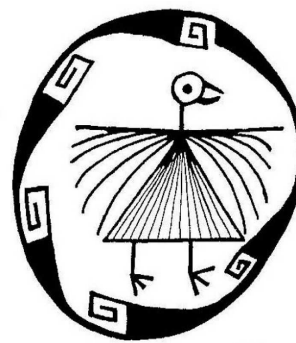


THEOMAI n° 24
2011
**Dossier Antropología del
trabajo y memoria de los
trabajadores**



Revista THEOMAI / THEOMAI Journal

Estudios sobre Sociedad y Desarrollo / Society and Development Studies

Issn: 1515-6443

Aspectos da construção da honra entre mineiros de carvão em uma comunidade no sul do Brasil¹

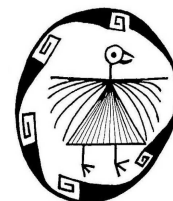
Marta Cioccarì²

1. Introdução

A partir de etnografia realizada em Minas do Leão, no Rio Grande do Sul, Brasil, e em Creutzwald, na Lorena, França, durante pesquisa de doutorado (2005-2009), abordo neste artigo aspectos da construção da honra entre os trabalhadores em minas de carvão. Minha investigação sugere que uma espécie de “grande honra” foi sendo delineada historicamente, servindo de suporte à imagem de heroísmo que carregam os mineiros de subsolo em diferentes lugares do mundo. Junto à “grande honra”, mesclando-se ou opondo-se a ela, considero haver uma multiplicidade de formas de “pequena honra”, alicerçadas na identificação com o *métier* – a partir do “orgulho” do trabalho bem feito ou

¹Parte deste trabalho consta dos anais da 27ª. Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), realizada entre os dias 01 e 04 de agosto de 2010, em Belém do Pará, Brasil. Este artigo contém de forma condensada e modificada aspectos analisados em minha tese de doutorado (Cioccarì, 2010), defendida no Museu Nacional, UFRJ, sob a orientação de José Sergio Leite Lopes. Sou grata a José Sergio e aos demais membros da minha banca de doutorado – Cornelia Eckert, Elina Pessanha, Luiz Fernando Dias Duarte e Moacir Palmeira – pelas preciosas sugestões, assim como a Afrânio Garcia, meu co-orientador no estágio de doutorado realizado junto ao Centre de Recherches sur le Brésil Contemporain (CRBC), da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), em Paris. Registro ainda meus agradecimentos às agências CAPES e CNPq, que apoiaram financeiramente minhas pesquisas.

² Doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente é pesquisadora e docente do Programa de Absorção de Recém-Doutores CAPES-Museu Nacional-UFRJ
marta.cioccarì@gmail.com

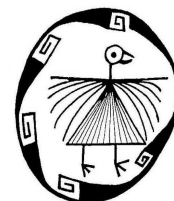


mesmo das “artes” da malandragem –, assim como na origem rural, nos pertencimentos político-sindicais, familiares, esportivos, etc.

Este estudo parte da premissa de que, ao invés de uma superação da importância da honra nestes contextos, este valor é atualizado em novos moldes na vida cotidiana. Em minhas análises, desdobrei a noção corrente de honra (no sentido formulado por Pitt-Rivers e Peristiany, 1965, 1992) em duas dimensões: a da “grande honra”, mais voltada para as imagens que figuram nas representações idealizadas do heroísmo mineiro, e a da “pequena honra”, correspondendo aos diversos pertencimentos locais e às insurgências nas interações cotidianas, com suas tensões e conflitos internos.³ Neste sentido, a “grande honra” encontra sua mais clara ilustração no caso dos mineiros franceses. Ela parte de uma “mitologia” criada em torno do mineiro de subsolo, com sua reverberação íntima mais ou menos entranhada nos sujeitos. A dimensão trágica do ofício contribuiu para a construção de uma imagem de heroísmo destes trabalhadores. Contribuíram para isso as políticas de Estado que convocaram os mineiros a aumentarem a produção do mineral, atribuindo a esta tarefa um sentido patriótico no contexto da Segunda Guerra Mundial, tanto no caso francês como no brasileiro. Na França, realizei estudo bibliográfico e trabalho de campo em Creutzwald, a cidade que abrigou a última mina de carvão do país, fechada em 2004. Naquele contexto, a imagem de heroísmo foi também alimentada pela literatura, a partir de obras tais como as de Victor Hugo (1866) e de Émile Zola (1881), mas ganhou corpo no caso francês com as campanhas movidas pelo Estado, com o apoio de sindicatos, visando converter o mineiro num modelo moderno do proletariado (Desbois, Jeanneau e Mattéi, 1986).

Já o conceito de “pequena honra” foi esboçado após o trabalho de campo em Minas do Leão, no Rio Grande do Sul, em que a observação das práticas sociais, a interação com as famílias e a escuta das narrativas remetiam à construção cotidiana de uma dignidade pessoal e coletiva dizendo respeito tanto ao trabalho como aos valores da vida cotidiana. Os estudos de Bailey (1971) sobre reputações contribuíram para eu desenhasse os contornos desta noção, cujo valor se inscreve na vida ordinária. Segundo este autor, em pequenas comunidades, a pequena política da vida cotidiana de cada um está ligada às reputações, o que significa “ter um bom nome”, “evitar a desqualificação social” (Bailey, 1971, p.21). Em minhas pesquisas (Cioccarri, 2009, 2010, 2011a,

³ Ao conceber os conceitos de “grande honra” e de “pequena honra” inspiro-me no modelo teórico de Redfield (1967) acerca da Grande e da Pequena Tradição, a partir de estudos em sociedades camponesas, e na forma pela qual as duas tradições interagem como processos complementares



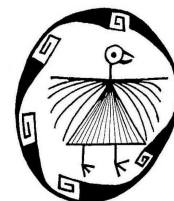
2011b), venho sugerindo que a “pequena honra”, tal como a reputação, precisa do reconhecimento dos outros, mas está calcada num sentimento íntimo (que lhe corresponde ou lhe contradiz), enquanto que a reputação mantém o seu caráter de exterioridade.⁴ O que passei assim a denominar como “pequena honra” é a combinação entre o prestígio que cada um obtém socialmente e a estima de si, seu próprio sentimento de dignidade, que tanto é alimentado por esse reconhecimento como o alimenta na esfera social. Tal como na “grande honra”, as formas de “pequena honra” se constituem na tensão entre o prestígio e o desprestígio, o respeito e o desrespeito.

A pequena honra profissional, por exemplo, pode revelar-se pela afirmação dos valores do esforço, da competência e da habilidade técnica, encarnando uma intensa dedicação à atividade. Mas a habilidade, o dom de que se orgulha o mineiro pode estar relacionada, não ao trabalho, mas às formas de esquiva da disciplina industrial, mais exatamente a uma pequena honra da malandragem, que parece compor intensamente a cultura de Minas do Leão. Neste universo, o valor social da malandragem é o resultado de uma ressemantização que enfatiza o mérito da *performance* mais do que um determinado conteúdo moral de tal comportamento. De outro modo, a valorização da astúcia, da esperteza, da ousadia pode entrar em contradição com outros valores morais presentes na sociedade local, principalmente aqueles valorizados em comunidades camponesas, contrapondo-se ao valor da verdade uma legitimação da mentira, do logro, da obtenção de vantagem pessoal. Mas tais deslizamentos morais são, muitas vezes, justificados e legitimados pelo estabelecimento de outra moral, mais voltada às insurgências da vida prática, que leva em consideração os aspectos relacionais e o contexto em que tais lógicas operam. Assim, uma determinada ação que, em princípio, poderia ser considerada condenável (como a mentira ou as artimanhas) pode ser vista socialmente como meritória, caso seja considerada “bem feita”.

2. Um mundo urbano e rural

Minas do Leão é uma cidade interiorana situada a 80 quilômetros de Porto Alegre, na Região Centro-Sul do Rio Grande do Sul, às margens da BR 290, que conduz à fronteira Oeste do Estado e à Argentina. O município pertence à Microrregião Carbonífera do Baixo Jacuí, que reúne várias cidades desenvolvidas na esteira da mineração de carvão e que, nas últimas décadas, enfrentam o empobrecimento causado pela decadência da extração mineral. A migração mais expressiva a Minas do Leão ocorreu entre 1940 e 1970. Depois, a

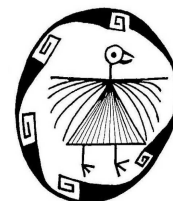
⁴ Na definição de Bailey (1971, p.4), a reputação não é uma qualidade que a pessoa possui, mas a opinião que as outras pessoas têm dela.



população manteve-se praticamente estável. Desde os anos 1940, a mineração de carvão na localidade atraiu trabalhadores de diversas áreas do Estado, provocando um crescimento rápido da população. As empresas carboníferas ofereciam atrativos para obter a adesão de novos trabalhadores, como moradias e salários superiores aos de outros segmentos profissionais. Desde meados de 1990, a extração de carvão na região enfrenta forte retração, apesar das reservas de 200 milhões de toneladas do mineral que continuam no subsolo.

Diferentemente de vilas-operárias abordadas pela literatura antropológica (por exemplo, por Leite Lopes, 1988, 2004), em que a comunidade se constrói em torno de uma única empresa, Minas do Leão não possui um caráter monolítico, mesmo que a estatal Companhia Riograndense de Mineração (CRM) tenha sido na maior parte do tempo o principal poder local. Isso porque ao longo de sua história a localidade foi palco de uma série de empreendimentos, tanto da privada Copelmi Mineração (sucessora do Consórcio Administrador das Empresas de Mineração, Cadem), sediada em Butiá, que mantinha em Minas do Leão a Mina do Recreio, como também de empreendimentos menores, tais como a Mina de São Vicente, também chamada de Mina do Alencastro, por referência ao nome de seu proprietário. Há, portanto, uma diversidade de poderes que se mesclaram na vida local, demarcando diferentes espaços sociais e geográficos, com as oposições entre os bairros Recreio e Leão (ou Centro), como se fossem duas vilas-operárias, dois núcleos povoados em torno de diferentes minas, assim como a rivalidade das equipes de futebol ainda mantida atualmente.

Ouvi de forma recorrente que, em Minas do Leão “é todo mundo unido”, que ali todos são “uma grande família”. Mas esta cidade, partida ao meio por uma rodovia federal, a BR 290, sempre teve uma vida dividida também sob outros aspectos. Uma dessas divisões - que corresponde também às suas hibridações - diz respeito aos limites e aos cruzamentos entre o urbano e o rural. Dos 7.728 habitantes, 95,72% vivem na área urbana do município e 4,28% na área rural. O núcleo urbano, construído em torno das minas de carvão, é cercado por áreas rurais e por florestas de eucaliptos e de acácias - que no tempo da mina eram usadas também para o escoramento das galerias e que hoje alimentam as fábricas de beneficiamento de madeira e de papel e celulose da região. Com uma área de 426,2 quilômetros quadrados, o espaço do município é ocupado em sua maior parte pela zona rural, onde se desenvolve a pecuária, com o gado de corte que povoa os campos das médias e grandes propriedades, e a agricultura, com destaque para o cultivo do arroz, da soja e da melancia. Não só grande parte das famílias mineiras tem uma origem rural como muitas mantinham as duas atividades paralelamente.



3. Das trajetórias

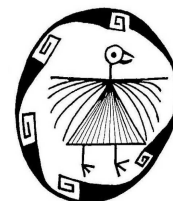
3.1 Gerino Lucas: um mineiro comunista e suas lutas

Nascido numa família de agricultores sem propriedades no interior do Rio Grande do Sul, Gerino Lucas⁵ empregou-se numa ferrovia e, mais tarde, em minas de carvão, depois que uma praga de gafanhotos atacou as plantações das quais o grupo doméstico tirava o sustento. No final dos anos 1940, a família foi morar em Arroio dos Ratos, a primeira cidade organizada em torno da mineração naquela região carbonífera. Trabalhando primeiro como ferroviário, Gerino não pretendia ir para a mina, mantida pela mesma empresa, pois considerava que “ir para baixo do chão” só aconteceria “depois de morto”. Mudou de ideia ao comparar os ganhos e horas de trabalho das duas atividades. Logo nos primeiros tempos, empregado como ajudante de tocador de carro no subsolo, começou a “dobrar” (fazendo duas jornadas diárias) como forma de aumentar o salário. Frequentemente, envolvia-se em enfrentamentos com as chefias para ter respeitados os seus direitos como trabalhador. Depois de algum tempo, foi transferido para a mina da Copelmi, no então distrito de Butiá, quando assumiu a função de “furador” ou “patrão de galeria” – atividade da qual se orgulhava devido ao seu domínio técnico para preparar os explosivos e para fazer a retirada do mineral.

Logo nos primeiros anos em que estava na mina, Gerino aproximou-se do sindicato da categoria, apesar dos alertas dos colegas de que “aquilo era muito perigoso”, de que “o sindicato era lugar de comunistas”. A seu ver, era a companhia carbonífera que transmitia essas ideias e que “ensinava tudo ao contrário para o operário vir sempre na mão dela”. Recorda-se que as primeiras reuniões sindicais das quais participou resultaram em tiroteio, porque a polícia interrompeu uma assembleia e disparou contra os trabalhadores sob a alegação de que os comunistas haviam invadido a sede da entidade.

Gerino já ocupava a função de patrão de galeria na mina de Butiá quando comandou uma das principais greves da categoria, no início dos anos 1960, que teve uma duração de 45 dias. Cerca de 2 mil mineiros paralisaram as atividades. O movimento envolveu ainda ferroviários e operários da usina termoeletrica, chegando a mobilizar 6 mil trabalhadores. Nessa ocasião, a categoria estava com dois salários em atraso, mais o 13º salário sem receber e pressionava por aumento salarial. A própria deflagração da greve contou com a atuação de Gerino que, mesmo não sendo da diretoria do sindicato, solicitou a realização de uma assembleia, conforme as instruções que recebera do Partido Comunista

⁵ Na época das nossas entrevistas, realizadas na residência dele, em Butiá (RS) em 2007, o ex-mineiro contava com 77 anos. Faleceu alguns anos mais tarde.

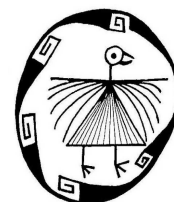


Brasileiro, no qual, mesmo sem ser filiado, passara a militar clandestinamente nesta época. No relato do ex-mineiro, sobressai a estratégia adotada para aprovar a greve num ambiente de profunda insegurança dos trabalhadores. Por orientação do partido, ele, que seria depois o presidente da comissão de greve, distribuiu pela sala seus companheiros mais combativos, de forma que quando levantasse a voz para defender a greve, eles se manifestariam, fazendo eco às suas palavras. A distribuição espacial dos militantes transmitia a impressão de que os trabalhadores dispostos a paralisar as atividades eram muito mais numerosos do que de fato eram. O movimento foi deflagrado e foi vitorioso porque a categoria teve suas reivindicações atendidas sem o desconto dos dias parados. Nas palavras de Gerino, foi “a greve mais bonita” que fez na vida. Entretanto, a sua atuação em mobilizações deste tipo contribuiu para a imagem de “comunista”, que foi utilizada pela companhia para pedir a sua prisão logo após o golpe militar de 1964.

Em sua jornada como operário no subsolo, Gerino não sentiu medo ao descer ao poço, com uma profundidade de mais de 100 metros, mas teve que se acostumar com o desconforto ao avançar na galeria com o corpo agachado. Era necessário prestar atenção para não levar choques nos fios desencapados e nas locomotivas usadas no transporte do carvão. Quando fechou aquele mês com 27 dias de trabalho, “mais uma carrada de dobres”⁶, recebeu o salário e foi procurar o ex-capataz da ferrovia, que o provocou: “E aí, vai ficar rico agora?” O mineiro exibiu o envelope: “Pra rico ainda não dá, mas ganhei mais do que o senhor! Quer ver?” Como “não repugnava serviço” foi aumentando a sua produção. Numa ocasião, enganado por um capataz que não lhe deu a gratificação que ele, como tocador de carros, deveria dividir com a equipe, ao receber o salário atirou o dinheiro sobre o outro: “Toma, pra comprar velas!”, ameaçou. O capataz levantou o cabo da picareta para atingi-lo e Gerino agarrou duas pedras de carvão, chamando-o de “sem-vergonha” e de “ladrão”. Seus colegas de trabalho intervieram para conter a briga e, na confusão, o dinheiro do salário extraviou-se pela galeria. Em outra ocasião, reclamou seus direitos ameaçando dar uma “lampionada”⁷ no patrão de galeria. Em meio a esses enfrentamentos, passou a ser respeitado. Lembrava que havia colegas que, para obter uma boa zona de extração de carvão e aumentar seus rendimentos, davam presentes aos chefes. Eles tinham o seu desprezo: “São uns puxa-sacos, pelegos! O que eu ganhei foi no meu braço!” Mas o capataz com quem trabalhava pedia “recompensas”, ameaçando transferi-lo para a mina de Butiá, para onde Gerino foi, de fato, em 1957.

⁶ Jornadas em que trabalhava em dois turnos.

⁷ Ou seja, um golpe com o lampião de carbureto, usado na época pelos mineiros para iluminar as galerias.



Na mina da Copelmi, no município de Butiá, para onde foi transferido, assumiu a função de furador e depois passou a patrão de galeria, totalizando 16 anos e meio de trabalho no subsolo. Recordava-se que, depois de entrar na “gaiola” (elevador da mina) para descer ao poço, que ali tinha uma profundidade de cerca de 60 metros, era preciso andar cerca de dois quilômetros até a frente de trabalho, “carregado com ferramenta, com pólvora, com dinamite, um explosivo perigosíssimo”. Gerino assistiu a acidentes que vitimaram companheiros. A tristeza pela perda dos colegas e a revolta pelas condições da mina não maculavam, no entanto, o seu “gosto” pelo ofício, como fica claro neste relato:

- Era uma vida perigosa? O senhor gostava do trabalho? Como é que era?

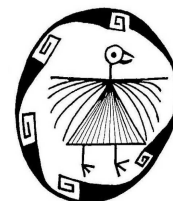
Gerino - Eu gostava, eu tinha paixão pelo meu serviço, adoração pelos meus amigos. Tanto que, quando eu me aposentei, eu levei muito tempo assim com aquele... com aquela saudade do meu serviço, da minha ferramenta, [ainda que o serviço fosse]... uma coisa perigosíssima. E quando chegava a hora do fogo, que nós dizíamos, que era a hora que os patrões queriam pagar pra extrair o carvão, uma base de oito, às vezes até 12 galerias, numa base de uma pela outra... de 80, 100 quilos [de carvão] cada uma. Aquilo [as explosões] chegava a tremer o chão, e pra nós era uma brincadeira! [...] Era uma brincadeira. Você vê como são as coisas: o que eu mais gostava [era] quando botava fogo e ficava escutando aquilo... que o patrão [função que ele ocupava, patrão de galeria] conhece o tiro⁸ que arranca e o que não arranca, a gente conhece. Então, eu sabia direitinho a minha produção. “Graças a Deus, o meu fogo trabalhou bem hoje, tenho uma produção altíssima, graças a Deus!” Então, era assim.

- Pelas explosões o senhor sabia quanto de carvão tinha produzido?

Gerino - Que eu tinha produzido! [...] Tinha condições de saber. Sabia aquele tiro que produziu e aquele que não produziu. [...] Mas o meu era muito difícil perder um tiro, muito difícil, porque, graças a Deus, isso aí eu aprendi.

Na descrição minuciosa de sua atividade, de seu “gosto” - e até mesmo “paixão” - pela profissão, da “adoração” pelos companheiros de trabalho, nota-se um profundo envolvimento de Gerino com seu ofício. Esse engajamento,

⁸ Tiro: detonação para a extração de carvão.

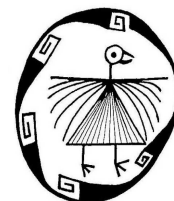


junto com o domínio técnico, manifesto, por exemplo, no conhecimento que lhe permitia a leitura sons emitidos nas explosões para retirada do mineral, imprimia-lhe o orgulho, a honra da profissão. Há que se destacar o fato de que o momento das explosões, embora representasse grande risco, era particularmente apreciado pelos mineiros, de forma que a adrenalina gerada pela intensidade da experiência assemelhava-se a uma “brincadeira”. Ele explicava que as explosões eram produzidas com bananas de dinamite, que continham pólvora, salitre, enxofre e de outros ingredientes, misturados a partir da maestria do patrão de galeria.

Tanto o ritual de trabalho como as “brincadeiras” ocorridas no subsolo estavam marcadas pelas noções de risco e de valentia. O líder operário contava que, quando chegou à mina de Butiá, sentiu-se “muito visado” num local onde imperava a lei da força e da provocação nas relações cotidianas. Se os mineiros “não se agradassem” do novo colega, este estava sujeito a apanhar dos colegas. Por isso, naquele tempo, Gerino e outros companheiros desciam para o subsolo armados com revólveres: “A gente tinha aquela desconfiança sempre [...] e aí a gente ia armado para o serviço, de preferência no terno da noite”. Ele usava um revólver calibre 22 que havia comprado em 1958. Enquanto esperavam “a hora do fogo” (das explosões para a retirada do mineral), os mineiros juntavam-se num “real” para fazer tiro ao alvo nos bonés uns dos outros, que eram colocados no chão. “Nós furávamos tudo à bala!”, contou Gerino. Era uma brincadeira “entre amigos”, entre companheiros de terno. Naquele tempo, os mineiros levavam uma garrafa de bebida alcóolica escondida na cesta, como cachaça ou caipirinha.

Em seus anos de trabalho no subsolo, Gerino contraiu a pneumoconiose – a doença pulmonar decorrente da inalação de poeiras minerais e orgânicas na mina. Mediante uma ação na Justiça por acidente do trabalho, movida em julho de 1971, ele obteve o reconhecimento da doença, como indicava o processo a que tive acesso nos arquivos do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), em Butiá. Meu interlocutor recordava-se que, entre seus companheiros de trabalho, muitos sofriam deste mal que, aos poucos, ia minando suas forças, por vezes fazendo-os lamentar o próprio ingresso no ofício. Como se sabe, a doença não tem cura e os sintomas – tais como extremo cansaço, tosse, dificuldades para respirar e dores nas pernas – agravam-se com o tempo.

Como foi dito, a liderança exercida por Gerino entre os trabalhadores na mineração rendeu-lhe perseguições por parte da hierarquia da empresa e sua prisão logo após o início do regime militar, em 1964. O ex-mineiro havia se aproximado do PCB por intermédio de um amigo militante, o ferroviário

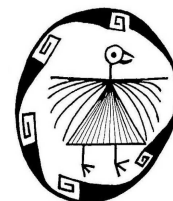


Procópio Farinha, um dos líderes das greves que mobilizaram ferroviários e mineiros. Regularmente, Gerino participava de atividades do partido em Porto Alegre, representando as minas de Butiá. Dessas reuniões, ao voltar à sua localidade, ele levava “as cargas”, ou seja, as orientações dos dirigentes comunistas sobre como conduzir o movimento operário. Foi o engajamento político e a atuação nas mobilizações da categoria que lhe forneceram o sentimento de dignidade, superando as limitações de sua condição de operário analfabeto. Acreditava ter sido a sua participação nas greves também que levou a empresa a desconfiar que era comunista. Contava ter “sentido o cutuco” de que a companhia queria “consumir com ele”. Sugeriu que essas desconfianças tinham surgido por causa do seu “jeito”, de seu “sistema de atuar”, da “coragem” que ele tinha para enfrentar os patrões.

Logo após o golpe militar no país ocorrido em 31 de março de 1964, o mineiro sentiu o cerco se fechar sobre ele. Nos primeiros dias de abril, as prisões começaram a ocorrer na região carbonífera, havendo ainda colegas de trabalho que, para obterem favorecimentos da empresa, delatavam os militantes. Fosse por suas ligações com o PCB, fosse por suas atividades em torno de uma unidade dos Grupos dos Onze - organização de esquerda criada, em 1963, pelo então governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, para pressionar o governo João Goulart para realizar mais rapidamente as Reformas de Base -, o mineiro Gerino Lucas passou a figurar na lista dos inimigos do regime de exceção. Lembrava-se nitidamente do dia 21 de abril de 1964, quando a polícia chegou à sua casa. Devido ao feriado⁹, o mineiro havia participado de um almoço em família. Na ocasião, chegou a alertar o pai que havia risco de ser preso. Pouco depois daquela conversa, policiais chegaram à sua casa para uma revista e o conduziram detido. Ele seria um dos sete encarcerados pelos agentes de repressão naquela pequena cidade interiorana. Entre os presos na ocasião estavam outros quatro mineiros, um ferroviário (Procópio Farinha) e um bancário.

No momento da sua prisão, Gerino notou que os carros que participavam da operação estavam ligados à companhia: um deles era usado pela empresa para transportar vítimas de acidentes; o outro pertencia a um dos chefes da mina. Levado a Porto Alegre, o líder operário passou 38 dias detido com outros 480 presos políticos no espaço de uma instituição para menores infratores que lhes servia de cárcere. Quando foi solto, voltou a trabalhar na companhia. Naquele período, havia ficado sem receber salário, de forma que precisava trabalhar

⁹ Nesta data, é comemorado no país o Dia de Tiradentes, em homenagem ao personagem que marcou época no período do Brasil Colonial, no estado de Minas Gerais, e que foi considerado mártir de um conflito que ficou conhecido como a Inconfidência Mineira.



intensamente. Notava, porém, que estava sendo vigiado. Tinha menos liberdade para discutir com os capatazes e sentia-se “perseguido”. Era o preço que havia de pagar pela liderança que conquistou entre os operários. Mas a prisão não o intimidou.

Nunca tive essa derrota comigo de me arrepender do que eu fazia. Nunca, nunca tive isso aí. Mas eu sentia assim... Aqueles outros operários que eram pelegos, puxa-sacos, esses eles tratavam de outra maneira, e a gente esses eles tratavam de outra maneira, não era igual àqueles para a companhia.¹⁰

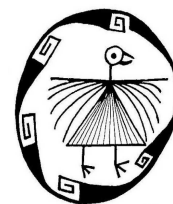
Após a aposentadoria, continuou a participar das mobilizações e lutas dos mineiros. Pouco tempo antes das nossas entrevistas, ele havia obtido um reconhecimento oficial da Comissão Nacional da Anistia, um programa do governo brasileiro, como Anistiado Político, fazendo jus a uma indenização. Neste período, já vinha lutando contra um câncer de próstata, que acabou por vitimá-lo anos mais tarde.

3.2 Leotilde Braga: percursos de um mineiro-jogador

O ex-encarregado geral da Companhia Riograndense de Mineração (CRM) Leotilde Braga, o Leo, com 78 anos à época de nossa última entrevista, converteu-se em uma espécie de guardião da memória em Minas do Leão. Criado em Butiá, filho de uma lavadeira que foi abandonada pelo marido com cinco filhos, Leo começou a trabalhar aos 11 anos como ajudante na construção civil para ajudar nas despesas da casa. Na adolescência, destacou-se como goleiro nas numerosas equipes de futebol varziano da região, boa parte delas ligadas às minas. Foi justamente o seu talento como goleiro que lhe abriu portas para o ingresso na mina de carvão, no final dos anos 1940. Na época, o chefe das oficinas do Departamento Autônomo de Carvão Mineral (DACM) - órgão do governo do Estado criado em 1947 e que em 1969 se tornaria a Companhia Riograndense de Mineração (CRM) - integrava a diretoria do Itaúna Futebol Clube na mesma localidade. O funcionário ficou interessado na contratação de Leo para jogar no time e trabalhar na empresa. Deve-se assinalar que esse duplo pertencimento já foi indicado por estudos realizados em outros contextos, os quais se referem à forma pela qual o futebol praticado no clube da fábrica fez surgir uma espécie de “elite operária” composta por jogadores-operários.¹¹

¹⁰ Relato de Gerino Lucas, concedido em 2007.

¹¹A este propósito, cito, entre estudos realizados no Brasil, Mário Filho (1964); Guedes (1982); Leite Lopes (1988, 2011), Leite Lopes & Maresca (1992); Antunes (1994) e Caldas (1994). Sobre a experiência dos mineiros-jogadores em Minas do Leão e Butiá, ver ainda Cioccarri (2011).

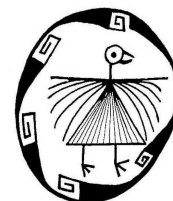


Na região carbonífera do Baixo Jacuí, no Rio Grande do Sul, a história dos times de futebol encontra paralelo na própria história das companhias de mineração. No final dos anos 1940 e início dos anos 1950 surgiram as primeiras equipes organizadas em Minas do Leão – times criados pelos trabalhadores em torno das minas, mas em cuja diretoria figurava encarregados e engenheiros, havendo em alguns casos patrocínio direto das empresas.

Em Minas do Leão, a equipe que se tornaria amadora, o Atlético Mineiro Futebol Clube, foi fundada em julho de 1950, numa fusão do Itaúna Futebol Clube e do DACM Futebol Clube. Este último sustentava o nome da empresa à qual os jogadores eram vinculados. Uma das principais conquistas do Atlético Mineiro FC – que em 1960 se tornou um clube amador, inscrito na Federação Gaúcha de Futebol – foi a obtenção do título de “Campeão do Centenário” do município de São Jerônimo, vencendo outras nove equipes daquela categoria ligadas às minas. Depois, o time foi ainda vice-campeão estadual de amadores por dois anos consecutivos. O principal rival do Atlético em Minas do Leão, o Olaria Futebol Clube, surgiu no bairro Recreio em 1956, reunindo jogadores que trabalhavam na Mina de São Vicente e em uma olaria pertencente à mesma empresa, que acabou inspirando o nome da equipe.

Mas voltemos à trajetória de Leotilde Braga. Depois de admitido na empresa, Leo permaneceu 19 anos trabalhando nas oficinas, atividade desenvolvida na superfície, condição essa que posteriormente foi estendida a outros mineiros-jogadores, pois estes ficavam preservados de um esforço demasiado no subsolo, sempre sujeitos ao risco e à insalubridade. O ingresso no DACM permitiu que Leo oferecesse certa tranquilidade à família, em comparação com o período anterior. A partir do seu relato e de uma pesquisa nos arquivos da companhia, identifiquei elementos indicando que sua trajetória como mineiro-jogador contribuiu para aumentar seu prestígio profissional junto à hierarquia da empresa, assim como o respeito e a admiração entre os companheiros de trabalho.

Leo foi o primeiro de uma série de mineiros-jogadores de que se tem registro na companhia: isto é, trabalhadores que foram contratados por seu talento no futebol e que reforçaram a equipe do Atlético Mineiro Futebol Clube, entre o final dos anos 1950 e o começo dos anos 1970. Neste período, havia uma efervescência de equipes compostas por trabalhadores das empresas de mineração. Um momento privilegiado para as disputas eram os torneios realizados durante as comemorações do 1º de Maio, marcando de forma

Aspectos da construção da honra entre mineiros de carvão em uma comunidade no sul do Brasil

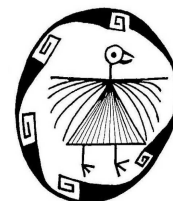
expressiva essa dupla condição de mineiros-jogadores. Depois dele, outros jogadores foram recrutados para reforçar a equipe do Atlético.

Quando foi trabalhar na mina de subsolo, Leo já havia conquistado a posição de encarregado. Passou pelos setores de produção e de segurança, primeiro como capataz de terno e depois ocupando o posto de capataz geral. Em sua ficha funcional, à qual tive acesso no escritório da companhia, havia elogios sobre os “relevantes serviços” prestados por ele. Sua popularidade entre os colegas havia sido igualmente testada quando ele venceu um concurso local para Mineiro Padrão, em 1976, cuja eleição dependia do voto dos operários da mina. Na época, ocupava a função de capataz geral do Poço 1. Uma anotação em sua ficha funcional, feita em abril de 1983, dizia: “Trata-se de pessoa que prestou e está prestando inestimáveis serviços à CRM, sendo um exemplo de trabalho e de dedicação”.

Narrador expressivo, Leo costuma lançar mão de analogias com o mar para falar da sua relação com a mina: “Sempre dizia que carvão é igual ao mar, a gente não resiste”. Ou ainda: “O carvão é como o mar, apaixonou a gente”. Em suas metáforas, há frequentemente uma comparação do mineiro com o pescador: no mar aberto como no interior da terra o trabalhador torna-se pequeno, envolto pelo gigantismo da natureza. Deve-se considerar que os riscos envolvidos nestas duas atividades contribuíram diretamente para a construção de uma imagem destes trabalhadores como heróis. Assim como “ir ao mar” para pescadores de Jurujuba (em Niterói, Rio de Janeiro), pesquisados por Duarte (1987, p.174), significava “embrenhar-se no limiar”, “enfrentar o desconhecido”, para os mineiros, “baixar à mina” reveste-se de sentido similar. Nas entranhas da terra ou em alto mar, ingressa-se numa zona de incerteza.¹²

No caso de Leo, o “gosto” pelo ofício não surgiu no primeiro dia, nem foi abalado pelas tragédias que vitimaram muitos de seus companheiros. Um momento delicado havia sido durante a crise do petróleo, nos anos 1970, quando a mina de Leão I passou de cerca de 360 a cerca de 1.500 operários. Com segurança e equipamentos precários, foi um período em que se registraram muitos acidentes. Segundo relatórios internos da própria CRM, entre meados e o final dos anos 1970, ocorreu o maior número de acidentes fatais na mina de Leão I. Nos registros, há três casos de mortes por acidentes nos anos 1950; cinco mortes nos anos 1960; e nos anos 1970 o número de tragédias atinge seu pico, com dez mortes no interior da mina. Outros casos voltariam ocorrer nos anos

¹² Sobre a construção do heroísmo entre mineiros do Brasil e da França, ver ainda Eckert (1985, 1991).



1980 e 1990, mas com menos frequência, pois a legislação sobre a segurança do trabalho e a própria fiscalização foram se tornando mais rigorosas.

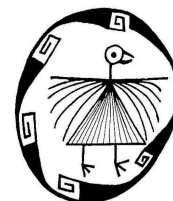
Numa ocasião, Leo foi atingido na perna por um prumo de bronze de 15 quilos. Precisou ficar afastado do trabalho por 26 dias porque a ferida infeccionou. Ele também sofreu outros dois acidentes de trabalho na superfície, perdendo dois dedos da mão esquerda. Mencionava que, em determinada época, a segurança da mina era tão precária que havia perdido 12 companheiros de trabalho em acidentes. Um desses casos ocorreu em 1971 quando a queda de uma pedra de 300 quilos, no interior da mina, soterrou um colega de trabalho. Em 1976, outros dois colegas morreram asfixiados depois de um incêndio no subsolo. A lembrança destas tragédias é sempre dolorosa para estes trabalhadores: “Fica a marca na gente para o resto da vida”, ressaltou Leo. A marca à qual ele se referia é existencial, entranhando-se na própria identidade do mineiro.

3. 3 Jango: denúncias da mina como “ratoeira”

Pertencente à numerosa família Freitas, moradora de Minas do Leão (RS), Jango era filho de um antigo carreteiro e o mais novo entre 15 filhos. Anteriormente, as atividades do pai e dos tios de Jango eram marcadamente na agricultura. Quando a geração de Jango, seus irmãos e primos, ingressou na mineração manteve paralelamente o cultivo de um pedaço de terra e a criação de animais, tais como cavalos, vacas e porcos. Os divertimentos no tempo ocioso da mina, no período de atividade profissional – assim como hoje, após a aposentadoria – combinam competições e jogos tipicamente rurais, tais como as carreiras de cavalo, os jogos de bocha e as pescarias, com esportes e lazeres tais como a organização de equipes de futebol ligadas à mina e à própria família.

Ao ingressar no Departamento Autônomo de Carvão Mineral (DACM), precursor após 1969 da Companhia Riograndense de Mineração (CRM), Jango, com 17 anos, foi trabalhar na superfície como ajudante de pedreiro e carpinteiro, mas essa atividade ainda não era considerada uma “profissão”. Somente quando, disposto a se casar, passou a trabalhar no subsolo da mina é que se tornou “profissional”, primeiro atuando como madeireiro responsável pela sustentação da galeria, depois como capataz de equipe e, em seguida como patrão de galeria. Nesta última função, comandava um grupo de seis homens nos trabalhos de extração do carvão, carregamento do mineral e escoramento da galeria, recebendo seu salário por produção.

Meu interlocutor destacava que a mina “sempre foi um setor muito perigoso”, um local de trabalho no qual durante muito tempo não havia nenhuma



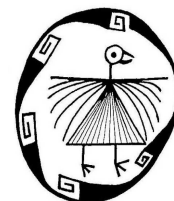
segurança. Além de ficarem agachados durante longo tempo, os mineiros não contavam com equipamentos de proteção. Nos pés, usavam alpargatas, enquanto a cabeça era “protegida” por um frágil gorro ou boné. Mineiros como Jango trabalhavam sentindo-se sufocados, respiravam fumaça e cheiro de explosivos. Em seus primeiros tempos de profissão, ainda não havia sido constituída a Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA). Ele calculava que, em determinada época, no final dos anos 1970, perdeu quase que um colega por mês em acidentes tais como desmoronamentos, incêndios, choques elétricos e outros. Jango se considerava “um felizardo”, “um sobrevivente”, porque escapou de morrer várias vezes. Explicava:

O perigo é às vezes traiçoeiro [...]. A gente chegava num setor de trabalho, olhava assim, não imaginava que aquilo ali fosse uma ratoeira. A gente vinha trabalhar e, quando via, caía uma pedra, 200 quilos, 500 quilos. É normal na mina. É uma ratoeira.¹³

Algo que o marcou dolorosamente – e que ainda o emociona – foi a ocasião em que ajudou a desenterrar um colega soterrado por cerca de 30 toneladas de material durante um desmoronamento ocorrido no subsolo. Em mais de uma ocasião – como no velório de um colega morto – Jango denunciou que tragédias como aquela continuariam a ocorrer se não fossem melhoradas as condições de segurança do subsolo. Citava, por exemplo, existência de redes elétricas de 380 volts “de arrasto” no chão, apenas aguardando a oportunidade para um acidente fatal. Em função de suas denúncias, sofreu pressões e constrangimentos por parte de chefias. Numa ocasião, fez um desafio: se o engenheiro descesse ao subsolo, ele lhe mostraria os lugares onde a mina era uma ratoeira, uma armadilha. Se estivesse errado, poderia ser demitido, sem direito a nada. “Ter razão” e “mostrar que se está com a razão” são, no interior das relações hierárquicas, espécie de capital simbólico mobilizado pelos operários.

Antes do episódio de protesto no velório, Jango havia disputado a eleição para Mineiro Padrão na localidade. Tendo vencido as etapas nas localidades de Minas do Leão e de Butiá, acabou perdendo em Charqueadas, cidade onde era menos conhecido. Explicava que a indicação de seu nome pela empresa, juntamente com o de outro colega, levava em conta o fato de que, na época, ele tinha quase 20 anos de serviço e jamais havia recebido uma punição; havia participado de CIPAs; e era “amigo de todos”, segundo a expressão que usara. Depois das indicações feitas pela empresa, votavam todos os funcionários, inclusive os empregados da superfície (que atuavam nas oficinas e na

¹³ Relato de Jango Freitas.



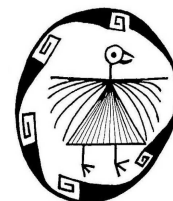
mineração a céu-aberto). Jango me explicava que o que representava o mineiro padrão era, em primeiro lugar, “a amizade”, depois era valorizado o trabalhador “com ficha limpa, sem bronca”.

Outra faceta de meu interlocutor diz respeito ao gosto por brincadeiras e malandragens, considerados por ele essenciais para tirar o “medo da mina”. Aspecto importante da cultura dos homens da mina, o riso e as relações jocosas são uma espécie de contrapartida à dureza das condições de trabalho enfrentadas no subsolo. Boa parte dessas brincadeiras fazia referências a temáticas sexuais, especialmente em torno das figuras do “corno” e do “viado”.¹⁴ Para Jango, as brincadeiras envolvendo o uso de palavrões e xingamentos faziam sentido na rotina do subsolo, mas não deveriam ser levadas para a superfície. “Lá embaixo, no subsolo, nós éramos um tipo de gente, pela franqueza, pelo serviço corriqueiro. Agora, aqui em cima era muito diferente”. Pelo menos esse, a seu ver, deveria ser o comportamento do “verdadeiro mineiro”, enunciando uma espécie de metamorfose que deveria ser vivida na passagem do subsolo à superfície. Os relatos evocavam também os trabalhadores que não participavam dos “brinquedos” e que reagiam violentamente aos apelidos, considerados como pessoas que “não foram domadas”. Essa caracterização como não-domados, como mais próximos da natureza do que da “civilização” nas regras e na cultura dos mineiros, construía esses “outros” como trabalhadores menos confiáveis, menos socializados nas dinâmicas verbais e corporais e como portadores de certo estigma. Tratava-se, muitas vezes, de pessoas oriundas de áreas rurais e que tinham dificuldades para se acostumar com o clima de brincadeiras na mina. Jango, por sua vez, se orgulhava de sua reputação de “malandro”. Certa vez, um de seus filhos ouviu de um cliente do banco em que trabalha como vigilante: “Báh, o teu pai era o mineiro mais sem-vergonha debaixo da mina. Tinha que fazer uma estátua pra ele. Tinha que fazer uma estátua!”. Seu prestígio e sua liderança entre os colegas passaram a ser construídas também por esses elementos marcados pela irreverência e pelo humor.

3.4 Marino: das lides rurais para a mina

O ex-mineiro Luiz Marino, com 68 anos à época de nossa entrevista, conhece tanto as lides agrícolas como as do subsolo da mina. Nascido na localidade de Porto do Conde, no município de São Jerônimo, filho de agricultor, é oriundo de uma família de 13 filhos – oito homens e cinco mulheres. Começou a trabalhar aos seis anos de idade, ajudando o pai e os irmãos em plantações de

¹⁴ Trata-se de algo similar ao que foi analisado por Duarte (1987, p.194-195), entre pescadores de Jurujuba, em Niterói, Rio de Janeiro.



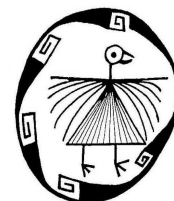
eucalipto. Depois disso, a família foi trabalhar numa granja de arroz e, aos sete anos, Marino tornou-se o cozinheiro de um grupo de 15 a 20 homens. A cada nova atividade, a família ia se mudando, como “cigana”. Seu pai conseguiu serviço numa carvoaria que produzia carvão vegetal; depois, a família empregou-se no corte de florestas de acácia. Lidavam no local entre 80 e 100 cortadores de mato. Com este sistema de vida, os filhos não foram para a escola. O pai chegou a contratar uma professora para ensinar às crianças, mas isso durou poucos meses. Meu interlocutor aprendeu rudimentos de português e matemática, mas não o suficiente para dominar a escrita e a leitura, para considerar-se alfabetizado.

Já era adulto quando enveredou para a profissão de ferroviário e, depois, tornou-se mineiro. Em 1962, aos 22 anos, soube que necessitavam de operários na Viação Férrea, empresa de transportes ferroviários mantida pelo mesmo consórcio que administrava as minas na região, o Cadem. Trabalhou ali durante dois anos. Recordava-se que, no início dos anos 1960, houve uma greve de mineiros, organizada pelos trabalhadores do Cadem: “Eles queriam proibir a gente de trabalhar, achavam que estávamos furando a greve”. Marino argumentou: “Eu não sou da firma de vocês, vocês são de uma, nós de outra”. Nesta ocasião, a polícia havia sido chamada para garantir o funcionamento dos trens. Neste período, descobriu que ganharia mais trabalhando na mina do que na ferrovia. Com a ajuda de um engenheiro, conseguiu então uma vaga como operário no subsolo da mina administrada pelo DACM, em Minas do Leão. No primeiro dia nas galerias subterrâneas, pensou em desistir: “Achei horrível! Cheguei lá pra tirar as contas!”¹⁵

Quando desceu pela primeira vez ao subsolo, sentiu “muito medo”. Pensava: “Isso aqui é um inferno, não é vida”. Ouvindo os conselhos de outros mineiros mais experientes, permaneceu na atividade. Trabalhou inicialmente como ajudante, acompanhando o patrão da galeria na preparação dos explosivos. No início, ficava apavorado com as explosões. Ele teve também de aprender a se orientar para não se perder nas galerias que facilmente se transformavam em labirintos. Com o passar do tempo, começou a achar que o trabalho “era coisa boa”, o que o leva a dizer: “Eu gostava e ainda gosto da mina”. Do que mais o agradava, ele evocava, sobretudo, o “cheiro da mina”.

Mas uma das dificuldades que Marino enfrentou foi com a cultura das malandragens e provocações que havia no subsolo: “O agricultor, logo que chega, sente muito, porque tem brincadeira desde o começo”. O que mais o incomodava eram as humilhações infligidas aos companheiros. Certa vez, viu

¹⁵ Ou seja, disposto a pedir demissão.



três mineiros batendo num colega negro e lhe dizendo: “Tu tem que acender o cigarro na nossa boca”. O mineiro que apanhava pedia perdão aos outros. Marino não gostou daquilo e interveio: “Vocês larguem ele porque ele não é escravo! É porque ele é preto? Não batam nele!”. Ameaçou atingir os colegas com o seu lampião de carbureto, afirmando que era solteiro e que não tinha medo de ser mandado embora da empresa. Os outros deixaram o colega em paz.

Recordava-se que, em meados dos anos 1960, muitos mineiros desciam armados de facas e revólveres para a mina. Usavam as facas para cortar estopim. Já o revólver servia para que se sentissem mais homens, mais “valentes”. Depois, o sistema de segurança da companhia foi se tornando mais rígido e o ingresso com armas passou a ser proibido. O risco de aceitar as provocações era então o de “ganhar as contas” - ou seja, ser demitido da empresa. Numa ocasião, depois de um enfrentamento com alguém que o havia “desrespeitado”, Marino teve o seu cartão-ponto apreendido. Foi recebido com deboche pelo funcionário do escritório:

Funcionário - Soube que o senhor é meio valente. Andou brigando na mina...

Marino - Se o senhor me ofender, salto este balcão e lhe quebro a cara!

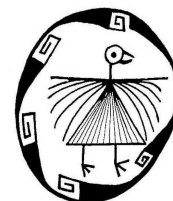
Funcionário - Então é valente mesmo!?

Marino - Com a minha razão, sou!

Funcionário - Ninguém vai te botar pra rua. Tu nós não podemos te largar. Tu é caprichoso no teu serviço e precisamos de operários..

O relato foi feito pelo próprio mineiro. Podem-se ver, na narrativa, as referências aos valores da “valentia”, do “ter razão”, mas também a importância atribuída ao trabalhador “caprichoso”. Se a fama de “valente” ajudava a impor respeito junto aos colegas da mina, também poderia colocar o operário numa situação complicada face à hierarquia, como um criador de casos. Entretanto, sua reputação como bom trabalhador fazia com que fossem relevados os conflitos que ele pudesse protagonizar no subsolo.

Para retomar as noções que venho adotando ao longo deste artigo, estavam em jogo em seu percurso diferentes formas de honra. A valentia é um dos valores presentes na honra masculina local, mas tal construção da masculinidade diz respeito mais diretamente ao que estou chamando de “pequena honra tradicional ou de origem rural”. Ela contrasta com os modos de socialização na cultura operária da mina de subsolo, marcada pela malandragem. Por outro

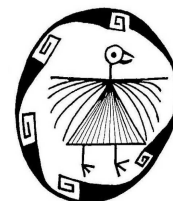


lado, o que garante a permanência de Marino na empresa, para além da necessidade de mão-de-obra, é este reconhecimento por parte das chefias de que se trata de um operário dedicado ao ofício. Seu temperamento esquentado e sua “valentia” – que poderiam render-lhe a demissão – são tolerados em nome do seu valor como trabalhador, que se torna ali o aspecto essencial de sua reputação. A relativa oposição entre valentia e dedicação ao trabalho estava presente em inúmeros relatos envolvendo personagens considerados “valentes” e que, se expressavam determinada forma de honra masculina, por seus excessos poderiam ser vistos com desconfiança pela companhia. O fato de que fossem “muito trabalhadores” fazia com que esses excessos fossem tolerados.

Por levar os desentendimentos a lutas corporais, Marino foi ganhando fama de “brigão” na mina. Sua esposa, Maria, que participava da entrevista, ressaltava que o marido “foi criado para fora” (no campo), logo “tinha outros costumes”. Sua família de origem cultivava uma moralidade austera, mas também sabia se divertir. Numa época, o pai de Marino manteve um salão de baile em casa, que funcionava no quarto dos filhos – nessas ocasiões as mais de dez camas eram recolhidas e os músicos da família, que eram muitos, punham-se a tocar algum instrumento: violão, gaita, pandeiro, etc. Marino e um dos irmãos formaram uma dupla sertaneja, a exemplo de outras que faziam sucesso na região. Meu interlocutor lembra-se que seu pai “era o mais bailarino” de todos, “era um artista”. O velho agricultor promovia danças em frente ao espelho e nestas brincadeiras participavam a família, os parentes, os amigos e vizinhos. Eram reuniões festivas, mas onde imperava o “respeito”.

Do ponto de vista dos “mineiros malandros”, esses trabalhadores que vinham do meio rural, a exemplo de Marino, eram considerados “xucros”, “quase uns animais” porque levavam tudo “na ponta da faca” e não sabiam tolerar brincadeiras. Com o tempo, a maioria acabava sendo “domada” ou “domesticada”, segundo os termos locais – embora houvesse os que continuassem reagindo com violência às caçadas. Nessas provocações existentes no cotidiano da mina, diferentemente do padrão tradicional estudado por Pitt-Rivers (1965, 1983), em geral só um dos lados considerava seriamente a querela. Trata-se de jogos distintos nos quais cada parte toma o outro por antagonista, mas o que para um é desrespeito, desafio que merece resposta violenta, para o outro é *performance* para fazer rir – quanto mais se embravece o adversário, maior a graça do jogo. Marino, que, na linguagem dos colegas, foi sendo “domado” ao longo do tempo, tornou-se, segundo ele mesmo, “arriado”¹⁶, “inventor de brinquedo e de piada”.

¹⁶Brincalhão, gozador.

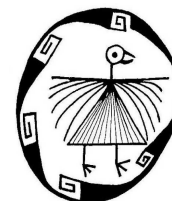


Marino trabalhou no subsolo durante 21 anos. Foi madeireiro, transportador e ajudante de tocador de carros. Por vezes, fazia horas a mais, chegando a trabalhar três turnos num só dia para aumentar o seu ordenado. Sua saúde, entretanto, sofreu danos: ele contraíra a pneumoconiose e chegou a ingressar na Justiça contra a companhia solicitando uma indenização, mas não teve êxito, pois o nível de comprometimento dos pulmões ainda era considerado baixo. A seu ver, a empresa usava de sua influência sobre os médicos para distorcer os resultados dos exames. Sua mulher explica: “É porque o médico era da firma e não do operário, então ele não podia ir contra a firma”.

Considerando as condições do subsolo, perguntei-lhe, certa vez, se havia “heroísmo” no trabalho do mineiro. Quem respondeu à minha questão foi novamente sua esposa: “Não é por heroísmo, é por necessidade, porque só tinha aquilo ali!” Marino preferiu destacar o seu envolvimento com o ofício: “No fim, até gostava do trabalho”, disse-me, acrescentando que, às vezes, ainda sonha que está trabalhando na mina. Se a ambiguidade em relação à atividade está presente, é preciso notar também que está lá, recorrente, o “gosto”, o amor pela mina.

Marino chegou a fazer parte de uma comissão que foi a Porto Alegre discutir questões salariais com a direção da empresa. Os madeireiros, como ele, eram pagos por tarefa e seu salário era calculado com base em uma tabela de pontos que diziam respeito à produção realizada. Uma crise foi desencadeada quando um engenheiro alterou essa contagem dos pontos e os salários dos que recebiam por tarefa sofreram uma grande redução. A categoria se rebelou e entrou em greve. Na ocasião, Marino deu uma entrevista para uma rede de televisão criticando a direção da empresa. O diretor da companhia não gostou das críticas e cobrou-lhe satisfações. Marino teria respondido: “Doutor, eu falei a verdade. Eu lhe levo lá em baixo [no subsolo] para o senhor ver que não estou faltando com a verdade. [...] Com esta tabela, não podemos tarefejar. [...] Se tiver nela a assinatura do diretor da firma, me dê as contas [a demissão] sem direito a nada!”

A suspeita do mineiro era que o engenheiro local tivesse alterado a tabela sem o conhecimento da direção da empresa e, por isso, bancou uma aposta na qual colocava em jogo o seu emprego. Preocupado, o presidente do sindicato o alertou: “Olha, se tiver mesmo a assinatura do diretor, tu vai para a rua!” Segundo o relato do ex-mineiro, ao conferir o documento, o diretor percebeu que a tabela era “fria” e teve que dar razão ao operário. O diretor teria dito: “Mas isso é uma pouca vergonha! Cadê a tabela que eu fiz na época?!”. Marino me explicava que a queda nos salários dos madeireiros tinha sido muito



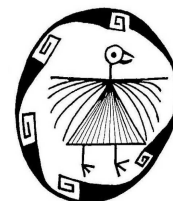
expressiva. Pela tabela anterior, sua produção mensal somava entre 15 mil e 20 mil pontos, com a nova, chegava somente a 5 mil pontos. Nesse episódio, os trabalhadores conquistaram melhores condições para o registro da produção. Ao longo de sua narrativa, evidenciava-se o orgulho pelo engajamento numa discussão que acabou por trazer benefícios ao grupo. O mérito de discutir com o patrão e ainda ter razão – provando que está “com a verdade” – enaltece sua dignidade como trabalhador. Essas vitórias são aquelas que reforçam a “pequena honra do trabalho” de mineiros da sua geração.

Após a aposentadoria, em 1983, Marino voltou a trabalhar na agricultura. Um aspecto que lhe causava orgulho, recentemente, era o fato de que seus filhos puderam receber uma escolarização mais alongada do que ele (que não aprendeu a ler e a escrever) e do que sua mulher (que estudou até a 5ª série do ensino fundamental). A filha cursou faculdade em História e atua como professora. Os três filhos são mecânicos formados num curso técnico oferecido pelo Serviço Nacional de Apoio à Indústria (Senai).

3.5 Zé Cabeça: “honra ao mérito” por salvamento

Assim como Leotilde Braga, o mineiro Airton Martins da Fonseca, conhecido como Zé Cabeça, com 62 anos à época de nossa última entrevista, foi um destacado mineiro-jogador da equipe do Atlético Futebol Clube, fato que contribuiu diretamente para sua ascensão profissional no Departamento Autônomo de Carvão Mineral (DACM) e, depois, na estatal que o sucedeu, a Companhia Riograndense de Mineração (CRM), em Minas do Leão. Órfão de pai aos dois anos, Zé Cabeça foi criado pela mãe e pelo padrasto – mineiro como o pai falecido. Aos oito anos, começou duas atividades importantes em sua vida: jogar futebol e trabalhar, então como oleiro, ajudante de pedreiro. Aos 12 anos, conseguiu seu primeiro serviço relacionado ao carvão, carregando caminhões com o mineral. Pouco tempo depois, já estava jogando futebol na equipe ligada ao então DACM, o que auxiliou no seu ingresso no setor, beneficiado também da indicação do padrasto.

Quando completou 18 anos, Zé Cabeça passou a trabalhar na mina de subsolo: foi ajudante de madeireiro e, depois, vieram as promoções a sota-capataz, a patrão de galeria e a encarregado de terno, até chegar a encarregado-geral ou supervisor, na nova terminologia usada pela empresa, que se refere ao grau máximo na categoria intermediária entre operários e engenheiros. Quando recebeu o convite para ser encarregado, contava que, a princípio, não queria aceitar porque achava que tinha “pouco estudo”. Tinha interrompido os

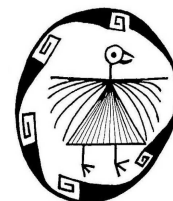


estudos ainda criança, na 4ª série do ensino fundamental. Mas isto não foi um impedimento para a sua carreira na companhia.

Sua ascensão na hierarquia da empresa ocorreu ainda apesar dos conflitos nos quais o mineiro se via envolvido. Na juventude, era, como me dizia, um sujeito “esquentado”, de temperamento forte. Integrou durante algum tempo o grupo que ficou conhecido como dos “valentes” do Leão, participando de brigas de rua com facões, que eram usados contra a gangue rival, formada por rapazes do bairro Recreio, na outra extremidade de Minas do Leão, então uma vila mineira. Mais tarde, já como profissional da empresa, Zé Cabeça protagonizou conflitos com engenheiros e outras chefias. Em sua ficha funcional, à qual tive acesso no escritório da companhia, encontrei algumas advertências, como a de outubro de 1964, durante o regime militar, por ele ter tomado parte de uma greve da categoria. Outra advertência, de julho de 1972, era motivada pelo fato de ele não estar frequentando as aulas noturnas organizadas pela empresa aos trabalhadores. Posteriormente, havia anotações elogiosas, como a registrada em maio de 1991, destacando tratar-se de “um importante supervisor da mineração”. Do final daquele ano em diante, ele seria referido pelas chefias como o trabalhador que arriscou sua vida para salvar um colega após um acidente na mina.

O próprio Zé Cabeça já tinha sofrido alguns acidentes e inclusive perdido amigos em tragédias ocorridas no subsolo. Mas sua trajetória acabou marcada por um acidente ocorrido em novembro de 1991, quando o cabo de um elevador da mina, onde estavam dois mecânicos fazendo o conserto de uma bomba de água no subsolo arrebentou e eles caíram de uma altura de 15 metros. Um dos trabalhadores morreu neste acidente e o outro ficou gravemente ferido. Para tentar salvar Luiz, o operário que ainda vivia, Zé Cabeça desceu ao poço dependurado por um cabo. Numa operação arriscada, conseguiu resgatar o colega para a superfície. Em decorrência dos ferimentos, Luiz teve a perna esquerda amputada. Se fisicamente conseguiu se recuperar da tragédia e voltar a andar com uma perna mecânica, quando o conheci, em 2006, ainda tentava superar seus traumas emocionais.

Algum tempo depois daquele acidente, Zé Cabeça foi chamado a uma reunião com cerca de 20 funcionários, entre as quais estavam engenheiros, supervisores e encarregados. Nesta ocasião, foi homenageado com uma placa de “Honra ao Mérito” por ter salvo o companheiro de trabalho. Embora tivesse recebido tal distinção e elogios das chefias, no depoimento que me concedeu, recusava a imagem de “herói”, afirmando que “qualquer um” no seu lugar “teria feito a mesma coisa”.

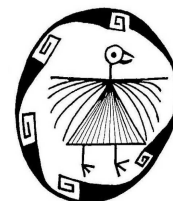


4. Considerações finais

Meu propósito, neste artigo, foi analisar a construção de valores que permeiam o universo de uma comunidade erguida em torno das minas de carvão, Minas do Leão, no Rio Grande do Sul, Brasil, onde realizei a principal pesquisa etnográfica. Os sentimentos nutridos pelos trabalhadores em relação à mina se articulam em diferentes formas de honra, consideradas em duas dimensões: uma relacionada à imagem heroica do mineiro de subsolo, construída historicamente em diferentes lugares do mundo, que trato aqui como a “grande honra” da profissão; e uma multiplicidade de formas de “pequena honra”, que se relacionam ao “orgulho” derivado tanto do trabalho como de ações excepcionais, vistas como “corajosas” ou dignas de mérito, assim como aos universos que atravessam seu cotidiano - sejam os da militância sindical e política, sejam das origens rurais, dos pertencimentos esportivos ou das artimanhas de resistência à disciplina industrial, com contornos de “malandragens” ou de “brinquedos”.

Algo que deve ser ressaltado é que, enquanto em boa parte da literatura sobre honra (por exemplo, em Pitt-Rivers, 1965, 1983, 1992), as monografias estão calcadas em aldeias, no espaço que se poderia chamar, seguindo Redfield (1967), como constituindo a Pequena Tradição, em que a honra norteia as ações cotidianas e a convivência entre os moradores (nas suas oposições e complementaridades entre localidade e cidade, entre camponeses e citadinos); numa pesquisa em torno das minas de carvão considera-se que presença das empresas extrapola o âmbito local, pois diz respeito a um campo econômico de abrangência nacional e, em alguns momentos, internacional. Como em outras cidades industriais, a presença deste poder econômico representado pelas empresas mineradoras organiza a vida social local, inserindo naquele contexto elementos da Grande Tradição, das relações mais vastas constituídas pela atividade mineradora.

Neste sentido, as distinções em torno do Operário-Padrão ou a concessão de diplomas e medalhas de “Honra ao Mérito” pelas companhias carboníferas ou pelo Estado permitiam que houvesse, por meio desse reconhecimento público, o acesso dos trabalhadores a faces da “grande honra” da profissão. Ao mesmo tempo, o poder econômico representado pela indústria mineral em escala mundial fazia com que outras faces da “grande honra” fossem internalizada pelos mineiros, identificados com seus colegas de profissão em diferentes lugares do mundo. Deve-se assinalar ainda o papel do “internacionalismo proletário” defendido pelas correntes comunistas e socialistas que influenciaram o despertar da consciência de classe destes trabalhadores,



especialmente no começo do século XX em diferentes países e, inclusive, no sul do Brasil. A circulação internacional de informações sobre o socialismo ajudou a conferir aos mineiros gaúchos o sentimento de pertencer a uma mesma categoria em todo o mundo. Deve-se assinalar que tal possibilidade representa um canal suplementar de constituição de uma honra profissional, diferentemente dos contextos estudados pela literatura sobre o tema no Mediterrâneo (Peristiany e Pitt-Rivers, 1965, 1992) ou na Cabília (Bourdieu, 1965), em que havia uma circulação implícita de sentidos sobre honra entre as elites na Grande Tradição e a internalização e a reconstrução de significados pelas comunidades locais.

5. Referências bibliográficas

ANTUNES, Fátima: “O futebol nas fábricas”, Em: **Revista USP**, Dossiê Futebol, n. 22, 1994, pp.102-109.

BAILEY, Frederick George (ed.): **Gifts and poison: the politics of reputation**. Oxford, Basil Blackwell, 1971.

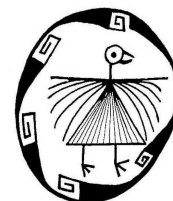
BOURDIEU, Pierre: “O sentimento de honra na sociedade cabília”. In: PERISTIANY, J.(org.) **Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrâneas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965. pp.159-195.

CIOCCARI, Marta: “Du rire et de la tragédie: notes sur la construction héroïque du métier de mineur de charbon au Brésil et en France”. **Passages de Paris**. APEB-Fr, v. 2008, p.1-18, 2009.

_____: **Do gosto da mina, do jogo e da revolta: um estudo antropológico sobre a construção da honra em uma comunidade de mineiros de carvão**. 2010. 482 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). PPGAS, Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, 2010.

-----: “Mina de jogadores: o futebol operário e a construção da ‘pequena honra’”. **Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP)**, v. 16, n.28, 2010 (publicado em 2011a), pp. 76- 115.

_____: “Risco, riso e respeito: notas sobre a construção da honra entre trabalhadores em minas de carvão no Brasil e na França”. Em: **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais (RBHCS)**. Dossiê - Os trabalhadores: experiências, cotidiano e identidades. v. 3, n. 6, Dezembro de 2011, pp. 17-27.



ECKERT, Cornelia: **Os homens da mina: um estudo das condições de vida e representações dos mineiros de carvão em Charqueadas/RS**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Porto Alegre, PPGAS/UFRGS, 1985.

_____ : **Une ville autrefois minière: La Grand-Combe, étude** 'Anthropologie Sociale. Thèse (Doctorat en Anthropologie Sociale). Université Paris

V, Sorbonne, Sciences Humaines, Paris, 1991.

DESBOIS, Évelyne.; JEANNEAU, Yves ; MATTÉL, Bruno : **La fois des charbonniers: les mineurs dans la Bataille du charbon 1945-1947**. Paris, FMSH, 1986.

DUARTE, Luiz Fernando Dias: "*Identidade social e padrões de agressividade verbal em um grupo de trabalhadores urbanos*". In: LEITE LOPES, J. S. (org.). **Cultura e identidade operária**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987.

FILHO, Mário: **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1964.

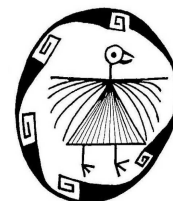
GAUTHERON, Marie (org.): **A honra: imagem de si ou dom de si - um ideal equívoco**. Porto Alegre, LP&M, 1992.

GUEDES, Simoni. L. "*Subúrbio: celeiro de craques*". In: DA MATTA, R. et al. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro, Pinakotheque, 1982, pp. 59-74.

HUGO, Victor: **Os trabalhadores do mar**. Trad. Machado de Assis. São Paulo, Abril Cultural, 1971 [1866].

LEITE LOPES, José Sergio: "*A vitória do futebol que incorporou a pelada*". **Revista USP**, n. 22, Jun-Ago. 1994, pp. 64-83.

_____. "*Vilas Operárias, trabalho e moradia, transformações e continuidades: um itinerário de pesquisa das usinas açucareiras e fábricas têxteis às plantas modernas*". Conferência no **Simpósio A organização do território pelo capital: o caso das vilas e núcleos gerados por empresas**, em 3 de setembro de 2004, Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP.



_____: "*Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro*". In: BATALHA, C.H.M.; SILVA, F. T. da; FORTES A.(orgs.). **Cultura de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas, Ed. Unicamp, 2004. p.121-166.

_____: - "*Da usina de açúcar ao topo do mundo do futebol nacional. Trajetória de um jogador de origem operária*". **Cadernos AEL (Arquivo Edgar Leuenroth - Unicamp)**, vol. 16, primeiro semestre de 2010 (n. atrasado, 2011), pp. 13-40.

LEITE LOPES, José Sergio; MARESCA, Silvain: "*A morte da 'alegria do povo'*". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 20, ano 7, set. 1992, p. 113-134.

PITT-RIVERS, Julian: "*Honra e posição social*". In: PERISTIANY, J.G. (org.) **Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrâneas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965. pp. 13-59.

PITT-RIVERS, Julian : **Anthropologie de l'honneur: la mésaventure de Sichem**. Paris, Le Sycomore, 1983.

_____: "*A doença da honra*". In: GAUTHERON, M. (org.). **A honra: imagem de si ou dom de si: um ideal equívoco**. Porto Alegre, LP&M, 1992. p. 17-32.

REDFIELD, Robert: "*The social organization of tradition*". In: POTTER, J.M. et al.(orgs). **Peasant society: a reader**. University of California, Berkeley, 1967, pp. 25-34.

ZOLA, Émile: **Germinal**. São Paulo, Abril Cultural, 1979 [1881].

